

Discursos do Governador

25/03/2004 - Discurso do Governador Lúcio Alcântara, na cerimônia de entrega da Medalha da Abolição ao escritor cearense Manuel Eduardo Pinheiro Campos

Um dos capítulos mais tristes da nossa História é aquele que se refere à escravidão de homens e mulheres, arrancados de suas terras, mantidos em cativeiro e forçados a trabalhos insalubres até quase o final do século 19.

Essa parte da nossa crônica social, feita de perseguições, rebeliões, fugas, quilombos e injustiças, ainda está sendo revista, mas infelizmente não pode ser modificada.

No Ceará, a vergonha do passado é encoberta pelo orgulho de termos sido os primeiros a abolir o trabalho escravo em 25 de março de 1884, portanto quatro anos antes do resto do País.

Aqui, o movimento abolicionista contou com o reforço heróico dos jangadeiros, liderados por Francisco José do Nascimento, o Chico da Matilde, nosso mitológico Dragão do Mar.

Em protesto ao cruel tráfico de seres humanos, Chico e seus seguidores recusaram-se a continuar embarcando escravos no porto de Fortaleza.

Foi um exemplo e uma inspiração.

O jornalista José do Patrocínio tratou de divulgar a decisão solidária dos jangadeiros cearenses, e logo o Ceará passou a ser chamado de "Terra da Luz".

Políticos, advogados, artistas, escritores e intelectuais de destaque, como Joaquim Nabuco, já haviam criado, no Rio de Janeiro, a Sociedade Brasileira Contra a Escravidão, que resultou no surgimento de dezenas de grêmios semelhantes, cuja missão consistia também em arrecadar fundos para pagamento de cartas de alforria.

Assim, também, o jornal O Abolucionista, de Nabuco, e a Revista Ilustrada, de Angelo Agostini, serviram de modelo para publicações antiescravagista.

Essa história de lutas levou o Governo do Estado a instituir, em 1963, a Medalha da Abolição, que celebra o pioneirismo dos nossos abolicionistas e promove os ideais de justiça e fraternidade, homenageando cearenses e não-cearenses que tenham dado a sua contribuição para as mais diversas áreas do conhecimento humano.

Já receberam a Medalha da Abolição intelectuais como o professor Antônio Martins Filho e a escritora Rachel de Queiroz; artistas como Aldemir Martins, Eleazar de Carvalho e Renato Aragão; líderes espirituais como os arcebispos Dom Aloísio Lorscheider e Dom Hélder Câmara; além de homens de visão como os industriais Edson Queiroz e José Macedo.

A mais alta distinção concedida pelo Governo do Estado já foi entregue também à Academia Cearense de Letras, ao Instituto do Ceará, à Associação Cearense de Imprensa e a outras instituições ligadas ao progresso cultural, científico e educacional do Ceará.

Hoje, é com enorme satisfação que nos reunimos para entregar a Medalha da Abolição a Eduardo Campos, um dos maiores nomes da cultura cearense.

Nascido em Guaiúba, então distrito de Pacatuba, em janeiro de 1923, Manuel Eduardo Pinheiro Campos, o Eduardo Campos, também conhecido como Manuelito, é a prova de que, para alguns homens, a Natureza é abundantemente pródiga e não economiza talentos.

São dele mais de sessenta livros, que marcam uma atividade criativa incansável, abrangendo teatro e gastronomia, e passando da história à crônica de costumes. Em sua vasta e rica obra, convivem o escritor, o sociólogo, o dramaturgo e o memorialista.

Eduardo Campos é múltiplo. Com espírito de pesquisador e paciência de estudioso, escreveu livros imprescindíveis para a compreensão do Ceará. Trabalhou em rádio, jornal e televisão, sendo um homem de comunicação na mais ampla acepção do termo. Deixou sua marca no teatro, inclusive como ator. É desenhista e ilustrador. Esteve à frente da Secretaria Estadual da Cultura e Desporto, na administração Virgílio Távora. Destacou-se pelo amor às histórias curtas, sendo um contista de mão cheia, mas também um prolífero teatrólogo, autor de clássicos como **o Morro do Ouro, A Rosa do Lagamar e os Deserdados**.

No conto, suas contribuições são inestimáveis, tendo estreado com **Águas Mortas**, em 1943, seguido de **O Tropel das Coisas, Dia da Caça, O Escrivão das Malfeitorias, A Borboleta Acorrentada** e muitos outros. Exercitou-se também na narrativa longa, com os romances **Chão de Mortos e A Véspera do Dilúvio**.

Impossível falar da cultura cearense das últimas seis décadas sem citar Eduardo Campos, que formou-se em Direito pela Universidade Federal do Ceará, centrando nas letras o melhor dos seus esforços.

Otacílio Colares lembra dele muito jovem ainda, mas também muito atrevido e seguro, sendo levado pelo primo e poeta Arthur Eduardo Benevides para o círculo de rapazes que formariam o Grupo Clã, nos anos 40: Fran Martins, Milton Dias, Antônio Girão Barroso, Moreira Campos, Aluísio Medeiros e o próprio Otacílio.

Menino que foi apaixonado pela Serra da Pacatuba, cearense orgulhoso de sua gente, sertanejo deslocado para a cidade mas com raízes fincadas no interior, Eduardo Campos dedicou-se ainda ao estudo do folclore nordestino, da medicina popular, dos cantadores e suas violas.

Esse homem concilia o interesse pelas coisas do povo com dedicação intelectual às minúcias da pesquisa histórica. Perdido entre obras e jornais antigos da Biblioteca Pública Menezes Pimentel, ele colheu material para livros como **Capítulos de História da Fortaleza do Século 19**, que fala do mundanismo de uma capital ainda em crescimento; foi capaz de passar horas pesquisando sobre as irmandades religiosas do Ceará provincial e sobre a história da Ceará Rádio Clube; só para citar dois exemplos.

Casado com Heldine, pai de Eduardo Augusto e Elnina Márcia, Eduardo é membro da Academia Cearense de Letras, da qual foi presidente, e do Instituto do Ceará, do qual é atual presidente. Incansável, participa de outros grêmios culturais, como a Academia Cearense de Retórica e a Academia Fortalezaense de Letras.

Sempre antenado com o novo, o escritor lançou recentemente um CD-ROM com todas as suas obras digitalizadas, oferecendo aos leitores curiosidades como uma receita de perdizes. Sim, Eduardo Campos é também um gourmet, com dois livros já publicados sobre culinária.

É curioso que, apesar da importância de sua produção, Eduardo seja louvado não apenas pela inteligência, mas sobretudo por seu caráter e sua generosidade, pela vontade e pela capacidade de descobrir coisas novas e assim de se renovar constantemente. Dostoiévski dizia que conhecemos um homem pelo seu riso. Pois o sorriso e a alegria de Manuelito falam muito do grande homem que ele é.

Contrariando Sêneca, que acreditava que "para ter vida longa é preciso viver devagar", Eduardo Campos parece estar vivendo tão depressa quanto o seu tempo, talvez até correndo à frente dele, ajudando-nos a entender o que se passa à nossa volta, interpretando o mundo com palavras simples e uma visão sofisticada.

Vou fechar com uma frase de Carlyle: *"Uma vida bem escrita é quase tão rara quanto uma vida bem*

vivida". Sendo assim, estamos diante de um homem raro, para o qual eu tenho a honra de entregar a Medalha da Abolição, na certeza de que todos os cearenses terão por ele o justo sentimento de admiração e respeito.

Muito obrigado.